



Para mim, tudo aconteceu como a surpresa de um «belo dia», quando um professor do primeiro ano do liceu – tinha eu quinze anos – leu e explicou a primeira página do Evangelho de São João. «O Verbo de Deus, ou melhor, aquilo de que tudo consiste, fez-se carne», dizia, «então a beleza fez-se carne, a bondade fez-se carne, a justiça fez-se carne, o amor, a vida, a verdade fez-se carne: o ser não está num hiperurânio platónico, fez-se carne, é um entre nós». Bem, isto é tudo. Porque a minha vida desde muito jovem foi literalmente investida por isto: seja como memória que persistentemente tocava o meu pensamento, seja como estímulo para um resgate da banalidade quotidiana. O instante, desde então, deixou de ser banalidade para mim. Quando um tão “belo dia” acontece e vemos de repente algo belíssimo, é impossível não o dizer ao amigo próximo, é impossível não nos pormos a gritar: «Vejam lá!». Foi assim que aconteceu.

Luigi Giussani

Quando era jovem, com apenas quinze anos, fora fulgurado pela descoberta do mistério de Cristo. Intuíra – não apenas com a mente mas com o coração – que Cristo é o centro unificador de toda a realidade, é a resposta a todas as interrogações humanas, é a realização de todos os desejos de felicidade, bem, amor e eternidade presentes no coração humano. A maravilha e o fascínio deste primeiro encontro com Cristo nunca o abandonaram. Como o então Cardeal Ratzinger disse nas suas exéquias: «*Don Giussani* manteve sempre o olhar da sua vida e do seu coração fixo em Cristo. Deste modo compreendeu que o Cristianismo não é um sistema intelectual, um pacote de dogmas, um moralismo, mas que o Cristianismo é um encontro, uma história de amor, um acontecimento». Aqui está a raiz do seu carisma. *Don Giussani* atraía, convencia e convertia os corações, porque transmitia aos outros o que trazia dentro de si depois da sua experiência fundamental: a paixão pelo homem e a paixão por Cristo como cumprimento do homem.

Papa Francisco